

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Matéria de São Paulo

Class.: 31

Data: 2 de agosto de 1986

Pg.: 20

Brasília

Rondônia no "Washington Post"

AÉRCIO CUNHA

O jornal norte-americano "Washington Post" publica em suas edições de 1º a 15 de maio último artigos assinados por Jack Anderson e Joseph Spear, em que faz severas críticas ao Banco Mundial por sua participação no programa Polonoroeste. Esses artigos se seguiram a audiências conduzidas pelo senador Robert W. Kasten Jr. (R. Wis.), do comitê de apropriação do Senado norte-americano, em que se escrutiniza o impacto de projetos financiados pelo Banco Mundial em países do Terceiro Mundo, dentre os quais o projeto de pavimentação da BR 364 (Cuiabá-Porto Velho).

Em vista de propostas de empreendimentos de novos projetos naquela região, dentre os quais se destaca a pavimentação da BR 421, que o governo de Rondônia insiste em levar adiante, apesar do parecer contrário de diversas comissões técnicas, vale a pena conhecer o que o "Washington Post" tem publicado a respeito.

Extratos do artigo de 1º de maio: "Há anos especialistas em meio ambiente têm prognosticado desastre se o Banco Mundial estimulasse o ambicioso esquema brasileiro de aproveitamento de terras no trópico úmido da Amazônia. Agora o desastre aconteceu. Uma epidemia de malária tem devastado o Estado de Rondônia, no centro do projeto do Banco Mundial (Polonoroeste)".

"Alguns críticos suspeitam que o Polonoroeste foi concebido pelo governo militar brasileiro como forma de resolver o problema dos 2,5 milhões de agricultores sem-terra no país. Nos últimos quatro anos, quinhentos mil colonos migraram para Rondônia, atraídos por promessas de terra barata e futuro seguro. Mas, em vez disso, o que a maioria encontrou foi terra pobre e violência desenfreada."

"Como se não bastasse isso, nosso

associado Donald Goldberg foi informado de que cerca de duzentos mil desses colonos contraíram um tipo severamente virulento de malária, propagado por mosquitos por toda a região da selva. A doença ameaça difundir-se por outras regiões povoadas na medida em que colonos contaminados e desiludidos tragam-na consigo de volta às cidades. Em algumas áreas recém-abertas, metade da população tem malária."

"Mesmo sem a epidemia de malária, críticos do Polonoroeste prevêem consequências funestas para o projeto. Técnicos do banco advertiram de que a terra da região é inadequada ao tipo de agricultura que seria necessária para alimentar os quinhentos mil colonos."

"Funcionários do banco negam, com veemência, que o projeto tenha sido um fracasso." Relatório de avaliação de especialistas do banco (de março de 1984), no entanto, afirma que há "...um crescente desequilíbrio, dentro do programa, entre construção de infra-estrutura, que se processa rapidamente, e outros serviços de assistência ao colonos e proteção ambiental, que foram descuidados". O relatório conclui que "a menos que as autoridades brasileiras tomem severas medidas para reverter a tendência, os desembolsos do banco devem ser descontinuados".

Depoimentos como esse, chamam, mais uma vez, a atenção para o fato de que a política brasileira de desenvolvimento da Amazônia limita-se a abrir estradas. Pedidos de socorro da população desprovida perdem-se na distância. Recursos naturais, há em abundância, perdendo-se um pouco, não há de fazer falta. A Nova República ainda está por modificar esse estado de coisas.

AÉRCIO DOS SANTOS CUNHA, 40, é doutor em Economia pela Universidade de Vanderbilt (EUA) e professor-adjunto da Universidade de Brasília (UnB).